

QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: COMO VEM SE DANDO A FORMAÇÃO DOCENTE

ANA KATHARINA FERNANDES FREITAS DE AZEVEDO

Graduanda do 7º período do curso de Pedagogia da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). anakatharinafernandes@grad.fafire.br

RYTA DE KASSYA MOTTA DE AVELAR SOUSA

Mestre em Educação pela UFPE. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). rytas@prof.fafire.br

RESUMO

A escola é um dos primeiros meios de convívio social para a maioria das pessoas, portanto é muito importante para o desenvolvimento e aprendizagem. No espaço escolar acontecem muitas descobertas e compartilhamento de informações, logo é importante que temáticas como gênero e sexualidade sejam questões que os professores tenham conhecimento adequado para esclarecer maiores dúvidas dos seus alunos. Visto que, a sexualidade é uma construção social, histórica e cultural e sabe-se que a maioria dos professores atuais não tiveram formação adequada e estão carregados de preconceitos de um passado de vivências com uma sociedade ainda mais machista e opressora. Portanto, o trabalho visa investigar e colher informações através de pesquisas bibliográficas com abordagem qualitativa, a importância da discussão das questões de gênero e sexualidade na escola e como vem se dando a formação dos professores sobre tais temas. Na pesquisa foi observado que ainda há muito silenciamento e bloqueio para a discussão dessas questões dentro do ambiente escolar, entretanto, já existem lugares que dispõem de formações de professores para o conhecimento dos docentes relacionados ao tema.

Palavras-chave: Gênero. Professores. Sexualidade

ABSTRACT

School is one of the first means of social interaction for most people, so it is very important for development and learning. In the school space there are many discoveries and information sharing, so it is important that issues such as gender and sexuality are issues that teachers have adequate knowledge to clarify their students' major doubts. Since, sexuality is a social, historical and cultural construction and it is known that most current teachers did not have adequate training and are loaded with prejudices from a past of experiences with an even more sexist and oppressive society. Therefore, the work aims to investigate and gather information through bibliographic research with a qualitative approach, the importance of discussing gender and sexuality issues at school and how the training of teachers on these themes has been taking place. In the research, it was observed that there is still a lot of silencing and blocking for the discussion of these issues within the school environment, however, there are already places that have teacher training for the knowledge of teachers related to the subject.

Key-words: Gender. Teacher. Sexuality.

INTRODUÇÃO

O debate sobre gênero e sexualidade na escola tem ganhado significativa discussão no contexto atual, ao mesmo tempo que tem também gerado reações contrárias de determinados setores da sociedade. O referido artigo buscou discutir gênero e sexualidade na escola e iniciativas de formação de professores no âmbito das instituições.

Em fase de desenvolvimento e sem entender como e o porquê as coisas acontecem, as crianças precisam de apoio com as questões que vão surgindo cada vez mais com o passar do tempo. Algumas das principais são o desenvolvimento do seu corpo, dúvidas sobre sexualidade e, conseqüentemente, o gênero e a desvalorização da mulher na sociedade. A criança passa o maior tempo da sua vida na escola, portanto, essas tantas indagações podem surgir no ambiente escolar; inclusive, através do contato com os colegas. Mas será que o professor está pronto para receber essas perguntas? Como ele deve reagir? Ele precisa responder? De que forma? Ele foi preparado previamente para isso? Quais iniciativas de formação inicial e continuada vêm sendo desenvolvidas para professores? Essas e outras questões darão norte ao desenvolvimento da pesquisa. Segundo Gagliotto (2009.p.18),

É preciso entender que sobre a sexualidade permanecem diferentes perguntas e questionamentos. A pedagogia está preocupada em como aprender e ensinar referências sobre a sexualidade e necessita conhecer os referenciais teóricos, históricos, antropológicos e educacionais para desenvolver uma didática da sexualidade.

O foco deste trabalho é analisar como está sendo a formação para os professores em relação as questões de gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar. Visto que se tratam de assuntos difíceis e contestáveis diante de uma sociedade patriarcal, conservadora e conseqüentemente preconceituosa. É válido buscar estudos que tragam uma visão da importância da abordagem desses temas na escola para a construção social do indivíduo.

1. GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Quando se trata de questões de gênero, é possível dizer que essas discussões começaram no século XIX, Ocidente, onde se inicia um

movimento social, político e democrático organizado por mulheres para reivindicar o poder do voto, chamado de sufrágio. Após não aguentarem mais serem vítimas do patriarcado, nomenclatura que traz muitas discordâncias, entretanto é muito usada pelos movimentos feministas para denominar a supremacia e exploração dos homens sobre as mulheres.

Saffioti (2004) acredita que o patriarcado é um caso específico das relações de gênero, onde estas são desiguais e hierárquicas. Visto que os homens possuem a maior parte do poder perante a sociedade, a partir disso, as organizações das mulheres em busca de direitos iguais de gênero foi ganhando força com o passar dos anos.

Apesar do movimento feminista ter se fortalecido, a sociedade foi estruturada e vive até os dias de hoje tendo o homem branco e hétero como o detentor de poder e “chefe” de uma casa constituída por uma mulher e filhos; logo, se instalou o modelo da família tradicional.

Visto que a desigualdade acontece desde os primórdios, conforme Louro (1997, p. 57) “A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”. As mulheres tiveram acesso a educação tardiamente e com fins de aprendizagem para atividades do lar e da família. Inclusive, Darwin já no século XIX, apostava que as mulheres eram intelectualmente inferiores em relação aos homens. Entendendo que nunca houve igualdade de gênero entre homem e mulher, acarreta ainda mais as questões sobre o homossexualismo.

Para dar início as reflexões sobre gênero e sexualidade na escola, é necessário ressaltar um conceito de educação sexual que é apontado por Vasconcelos:

Educação sexual é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas, principalmente, informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. (1971, p. 111).

Um importante ponto que vem sendo debatido é quando e como se deve iniciar esta educação sexual. Para Freud (1949), a função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento, e não só a partir da puberdade como muitos afirmavam as ideias dominantes da época.

Portanto, no momento em que a criança é integrada na escola e o contato com outros infantes é estabelecido, inúmeras dúvidas sobre corpo, sexualidade e até gênero começam a surgir, várias informações e experiências começam a ser compartilhadas.

Muito além das noções que são passadas para essas crianças, na maioria das vezes, vindo de um modelo que é visto dentro de casa, é necessário que elas conheçam a pluralidade social em que vivem. Esse conhecimento deve vir de uma escola livre dos padrões excludentes, heteronormativos e conservadores, tal como apresentou o PCN no fim da década passada:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. (BRASIL, 1997a).

É possível dizer que muitos professores e a própria gestão da escola preferem não encarar essas questões por acreditarem que se ninguém comentar, eles irão sumir e serem resolvidos fora do ambiente escolar. Porém, é preciso compreender que a própria desigualdade e preconceito são reproduzidos dentro da escola. A partir do momento em que um aluno traz o pensamento de que a menina não joga bem futebol apenas porque é menina ou colegas se distanciam de outro, pois ele tem um jeito diferente dos outros.

É como traz Sayão (1997, p. 112):

A escola também se constitui num importante agente nesse campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa "praia". As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

Levando em consideração que a sexualidade é uma construção social, esse tema na escola precisa ser abordado continuamente e sistematicamente ainda durante muito tempo, visto que é uma questão histórica de preconceito, portanto, política que não irá desaparecer tão rápido até que haja uma consciência que pode vir através de uma educação sexual bem executada.

Visto que a Emenda Constitucional Nº 59 de 2009 e a Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013, torna obrigatório a Educação básica no Brasil dos quatro aos dezessete anos de idade é possível afirmar que a escola é onde se passa uma boa parte da vida. Ademais, o ambiente escolar é um dos primeiros meios de convivência em sociedade que todos tem. Levando esses fatores em consideração, a escola tem uma grande contribuição no papel da discussão das questões de gênero, pois é um espaço de conhecimento, descobertas e compartilhamento de informações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais consideram que “devido ao tempo de permanência dos jovens nas escolas e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado” (BRASIL, 2000, p. 114).

Portanto, o colégio como instituição e formador de cidadãos, carrega diversas responsabilidades enquanto cenário que participa ativamente do desenvolvimento e contribui para a construção social do indivíduo, logo envolvendo a sexualidade e acumulando os valores da sociedade.

2. FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

O professor como educador e presente no cotidiano escolar, é considerado um centro mediador do acesso dessas crianças a todos esses conhecimentos. Entretanto, é como Yared (2011) destaca que não se pode esquecer que os professores se constituíram sujeitos num contexto marcado pela hegemonia de concepções biomédicas ou morais e religiosas acerca de gênero e sexualidade. Portanto, é difícil esperar que um docente consiga se deter do conhecimento necessário para mediar os alunos, sendo que o mesmo também foi educado de maneira conservadora, a partir de valores morais preconceituosos.

De acordo com Maia (2004, p. 164 apud LEÃO; RIBEIRO; BEDIN, 2010, p. 40), os PCNs são compostos por um conjunto de propostas educativas,

que pretendem: “apontar as metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participa ativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”.

A partir disso é possível afirmar que os professores precisam de uma formação docente e continuada adequada, seguindo as diretrizes das PCN’S, pois foram os primeiros indícios de uma inserção de orientação sexual na educação. Tendo-as como guia, será possível que a escola enquanto instituição formadora seja levada a refletir seu currículo e até o Projeto Político Pedagógico. Com fins de conseguirem abordar todos os assuntos no currículo escolar e promover formação para os seus docentes para estarem atentos a dúvidas que poderão surgir e até mesmo intervir quando necessário, de maneira correta.

O pressuposto essencial é de que a formação do professor quando direcionada para a orientação sexual, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional docente, e para melhoria na qualidade de ensino, como destacou Figueiró (2006).

Além de conhecimento com fins profissionais, também é possível adquirir o aprendizado e levá-lo para a vida. Essa formação deve ser pensada como uma forma de promover discussão e debates sobre as temáticas e o compartilhamento de informações necessárias, corretas e sempre atualizadas, resultando num futuro de aprendizados e esclarecimentos para os seus alunos.

Meyer deixa claro a importância da formação dos professores quando destaca que:

Professores e professoras estão bastante implicados/as na produção e reprodução dos discursos e práticas que configuram as fronteiras e os sujeitos e que constituem suas múltiplas identidades culturais. Neste sentido, cursos e currículos de formação de professores e professoras constituem uma instância-chave de formação de sujeitos que estarão diretamente implicados como o processo de produção, posicionando e deslocando das fronteiras e identidades culturais, no âmbito dos diferentes grupos sociais. (MEYER, 1999, p. 81 apud FRANÇA e CALSA, 2011, p. 116)

Os professores costumam ser tidos como referência do saber e tal fato pode acabar influenciando na construção do aluno como indivíduo. Portanto, evidencia a grande responsabilidade do docente em se ater de

assuntos importantes no desenvolvimento do outro como as questões de gênero e sexualidade.

Caso um pedagogo ou licenciado que esteja carregado de pensamentos histórico e socialmente ultrapassados venha a responder alguma dúvida ou dê alguma informação inadequada, não é possível saber de que maneira e até onde afetará a vida de um aluno. Podendo gerar dúvidas a respeito da própria sexualidade, contribuir para a possível ocorrência de episódios de preconceito e falta de respeito entre os discentes.

Formações e cursos para educadores são a melhor maneira para iniciar uma desconstrução dos preconceitos já existentes e iniciar uma série de evoluções, pensando assim, no futuro de crianças e jovens que estão num processo de criação de identidade. Ademais, é importante que haja projetos para um aprendizado contínuo, possibilitando sempre a atualização e renovação dos saberes.

Pode-se encontrar como exemplo de formação docente nas temáticas, a Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), localizada na cidade do Recife, no estado de Pernambuco que adotou ao currículo da grade do curso de Pedagogia a disciplina de “Gênero, educação e direitos humanos”. O coordenador do curso, José Paulino, relata que: “A disciplina existe apenas no curso de Pedagogia e é obrigatória. A inclusão se deu por acreditarmos que ela contribui para a formação e enfrentamento às diversas formas de violências e preconceitos que são expressados na prática docente”.

Já no Paraná foi oferecido um curso para as professoras/es, desenvolvido pela Universidade Estadual de Maringá. É como relata Furlan (2011, p. 315) em sua pesquisa:

A intervenção foi intitulada: As questões de gêneros e sexualidade nos jogos, brinquedos e brincadeiras. Constituíram objetivos dessa oficina: a) problematizar as relações de gêneros e sexualidade no espaço escolar por meio de fundamentação teórica; b) oferecer possibilidades pedagógicas de intervenção com foco em crianças e adolescentes. A primeira percepção que tivemos em relação ao grupo de trabalho é que este apresentava uma singularidade: participação majoritariamente feminina. O encontro teve duração de duas horas. A metodologia utilizada para essa primeira experiência pautou-se em uma intervenção expositivo-dialogada. No primeiro momento, foram expostos conceitos e consideradas as realidades encontradas nas escolas (com a contribuição das/os professoras/res); a seguir, foram apresentados brinquedos

desenvolvidos por acadêmicas do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, visando problematizar as questões de gênero e sexualidade, e realizadas algumas dinâmicas que visam à desconstrução de preconceitos e discriminações.

Apesar dos exemplos citados acima, as evoluções são uma minoria e em processo gradativo e lento. A maioria dos profissionais não tem nenhum tipo de contato com alguma preparação para tratar de assuntos de cunho social durante a graduação, apesar de ser tão importante tendo em vista que irão lidar com seres em desenvolvimento e estarão em um espaço ativo de intervenção pedagógica como a escola.

Visto que há o fator de que além do sistema ser considerado heterossexual, tendo como exemplo a pedagogia, o predomínio é feminino como a maioria presente na classe. Fato esse que coloca à tona o sexismo já enraizado da mulher como a figura que cuida e educa as crianças. Levando em consideração o padrão já existente na própria profissão em possuir uma menor quantidade de homens, já se acarreta como “normal” possuir o gênero feminino e masculino, dificultando ainda mais a discussão sobre as temáticas de outros gêneros e sexualidades.

Além da relutância dos educadores, diversos fatores impedem o avanço dos debates de gênero na educação. A falta de políticas públicas dos governantes que em sua vasta maioria são homens heterossexuais também influencia no caso, pois falta o olhar feminino e da comunidade lgbtqi+ para dar prioridade a esses assuntos. Tudo isso é reflexo do desinteresse da inclusão da abordagem desses temas tanto na formação docente, quanto no próprio espaço escolar. Estes fatos só demonstram que ainda há um silenciamento na questão das discussões sobre gênero e sexualidade neste meio educacional, deixando visível a falta de prioridade e atenção para a causa.

Louro (2004, p.47) confirma quando traz que “embora as questões de gênero e sexualidade devam estar presentes na escola, há um poder real que impede a progressão desta discussão. A sociedade politicamente influente é permeada por uma majoritária classe padronizada que entende existir gêneros pré-determinados e que correspondem a esse padrão.” Ao trazer esta falar, a autora confirma que o poder do passado patriarcal e preconceituoso ainda é forte.

3. METODOLOGIA

A metodologia é uma etapa importante na pesquisa pois assegura o direcionamento de um caminho para realização da pesquisa. Através dela que descrevemos o detalhamento das etapas a serem desenvolvidas. É também a forma de realizar aquilo que os objetivos anunciam a fazer.

Quanto a sua natureza, a pesquisa será qualitativa pois pretende fazer uma abordagem/análise crítica da literatura existente sobre o objeto de estudo em questão. Nesse sentido, faremos inicialmente um levantamento bibliográfico e posterior fichamento para aprofundamento da base teórica, conceitual sobre gênero e sexualidade na escola.

Nesse sentido, faremos inicialmente um levantamento bibliográfico sobre abordagens de gênero e sexualidade na escola, para mapear conceitos, características e perspectivas de abordagem; será feito um levantamento de iniciativas de formação inicial e continuada com foco na formação de educadores sobre a temática gênero e sexualidade na escola, as formas de realização e tipos de abordagens.

A pesquisa em questão é de cunho bibliográfico, no qual é um procedimento exclusivamente teórico e que compreende a junção, ou reunião, do que se tem falado sobre determinado tema. Assim, como nos diz Fonseca (2002, p. 32) a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, tais como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2007, p. 44) tem como principais exemplos as investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

De início, foi definido o que se pretendia encontrar, delimitando o objeto da pesquisa. Em seguida, foi definido o objetivo geral e objetivos específicos, e assim estabelecidas as palavras-chave que facilitaram a busca. Tendo em vista que os sistemas de buscas funcionam por palavras-chaves, definir quais serão essas palavras fará com que você encontre de forma mais rápida e fácil o referencial teórico necessário.

Por fim, foram realizados anotações e fichamentos acerca de tudo o que foi encontrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percebermos que a escola é um espaço muito importante para grandes vivências e aprendizados sobre a vida e convívios sociais, constata-se que a discussão de temas relacionados a gênero e sexualidade são muito relevantes neste ambiente escolar. Tendo em vista que são crianças e adolescentes que ainda estão se desenvolvendo, fazendo descobertas e conhecendo seu corpo e gostos.

Esses temas devem ser tratados da forma correta, com todo cuidado, atenção e informações necessárias para que haja um entendimento e muitas vezes esclarecimento para essas crianças e jovens.

Os professores, esses que estão diariamente presentes na rotina dos alunos, são vistos por eles como alguém que tem a maioria das respostas e acabam sendo procurados para responde-las.

Os educadores devem estar bem preparados para atenderem a estas temáticas da maneira mais adequada, com informações válidas acompanhadas de conscientizações, caso necessárias. Para isso, os mesmos devem receber formações e cursos que os ajudem com esses assuntos importantes, tanto para o próprio aprendizado e desconstrução, quanto para os alunos.

Foi visto durante a pesquisa que há muito preconceito enraizado, uma cultura de supremacia masculina, ou seja, patriarcalismo heteronormativo que dificulta o avanço de assuntos como esses dentro do ambiente escolar. A devida importância não dada causa silenciamento e falta de políticas públicas suficientes para as temáticas, acompanhadas dos bloqueios das famílias dos alunos e dos próprios docentes por consequência da sociedade com pré conceitos já existentes.

Apesar de tudo isso, foi constatado que em muitos lugares já existem as iniciativas de formações de professores quanto às temáticas de gênero e sexualidade, com o objetivo de obter docentes preparados para lidar com todos os questionamentos que podem vir dos alunos. Já há faculdade com a inclusão de disciplina obrigatória sobre gênero na grade do curso e em outros lugares que dão cursos e formação continuada para o constante aprendizado e atualizações dos temas abordados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FRANÇA, F; CALSA, G. **Gênero e sexualidade na formação docente: desafios e possibilidades.** Revista Sociais e Humanas. Santa Maria, v. 24, n.02, jul/dez 2011, p. 111-120. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociais/humanas/article/view/2828/2858>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FONSECA, J.J. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos.** 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

FURLAN, C.; FURLAN, D. **Gênero e sexualidade na formação de professores/as: a necessidade de reflexões sobre a prática pedagógica.** Plures humanidades. Ribeirão Preto, v.12, n.2, p.306-326, jul.dez. 2011. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/29>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GAGLIOTTO, G. M. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias.** 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LOURO, G. L. **A construção escolar das diferenças.** Petrópolis: Vozes, 1997 PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Cadernos Temáticos da

Diversidade/Sexualidade. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual - PR, 2009. 216p.

LOURO, G. L. Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEÃO, A.; RIBEIRO, P. R.; BEDIN, R. C. **Sexualidade e orientação sexual na escola em foco:** algumas reflexões sobre a formação de professores. Revista Linhas, [S. l.], v. 11, n. 01, p. 36 - 52, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015> . Acesso em: 14 jun. 2021.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VASCONCELOS, N. **Os dogmatismos sexuais.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

SAYÃO, Y. **Orientação sexual na escola:** territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org). Sexualidade na escola, alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1997.

YARED, Y.B. (2011). **A educação sexual na escola:** tensões e prazeres na prática pedagógica de professores de ciências e biologia. Dissertação de Mestrado, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina.